



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
CURSO DE GRADUAÇÃO EM FILOSOFIA

WELLINGTON DE LUCENA MOURA

**A CRÍTICA DA RELIGIÃO NA OBRA “*DIFERENÇA DA
FILOSOFIA DA NATUREZA DE DEMÓCRITO E DE
EPICURO*” DE KARL MARX.**

João Pessoa

2003

WELLINGTON DE LUCENA MOURA

A CRÍTICA DA RELIGIÃO NA OBRA “*DIFERENÇA DA
FILOSOFIA DA NATUREZA DE DEMÓCRITO E DE
EPICURO*” DE KARL MARX.

Monografia apresentada à Universidade
Federal da Paraíba como requisito para
obtenção do grau de Bacharel no curso
de Filosofia.

ORIENTADOR: Prof. Dr. Antonio Rufino Vieira

João Pessoa

2003

WELLINGTON DE LUCENA MOURA

A CRÍTICA DA RELIGIÃO NA OBRA “*DIFERENÇA DA
FILOSOFIA DA NATUREZA DE DEMÓCRITO E DE
EPICURO*” DE KARL MARX.

Monografia apresentada à Universidade
Federal da Paraíba como requisito para
obtenção do grau de Bacharel no curso de
Filosofia.

Aprovada em _____ de _____ de _____

BANCA EXAMINADORA

Prof. Antonio Rufino Vieira

Orientador

Prof. Marcelo Augusto Veloso da Silva (UFPB)

Membro

Prof. Severino Dutra de Medeiro Filho (UFPB)

Membro

A meu pai, Nicolau Lucena de Moura (*in memoriam*), pelo estímulo à leitura.

AGRADECIMENTOS

Aos meus professores do Curso de Filosofia da UFPB: *André Leclerc*, pela Filosofia da Ciência; *Enoaldo*, pela introdução a Kant; *Giovanni*, por Descartes e pela Lógica; *Giuseppe Tosi* e *Gisele*, pela introdução à Filosofia; *Heleno*, por Parmênides; *Marcelo*, por Santo Agostinho e Pedro Abelardo; e *Robson*, por Nietzsche.

E, especialmente, ao meu orientador, *Professor Doutor Antonio Rufino*, pela orientação precisa, dedicada e erudita.

*A religião é o suspiro do ser oprimido, o coração de um mundo sem coração e a alma de situações sem alma.
É o ópio do povo.*

...
*O apelo para que abandonem as ilusões a respeito da sua condição é o apelo para abandonarem uma condição que precisa de ilusões.
A crítica da religião é, pois, a crítica do vale de lágrimas de que a religião é o esplendor.
(MARX, 1844 ¹).*

¹ MARX, K. *Contribuição à crítica da Filosofia do Direito de Hegel - Introdução*. Tradutor Alex Marins, S. Paulo, Ed. Martin Claret, 2001, p. 45.

RESUMO

Nesta monografia comparam-se e estabelecem-se as diferenças entre os conceitos de religião e filosofia presentes nas obras da juventude de Marx (1839-1844), notadamente em sua Tese de Doutorado intitulada *Diferença da Filosofia da Natureza de Demócrito e de Epicuro*; para tal, foram levados em consideração os poucos estudos sobre Marx, enquanto filósofo, bem como, a importância atual do tema das relações entre filosofia e religião. Para cumprir esse objetivo, tornou-se necessário: estabelecer as diferenças entre os conceitos de filosofia e de religião na Tese de Doutorado e em outros escritos do jovem Marx (1839-1844) e ressaltar as intuições de Marx, fundamentais para as formulações posteriores destes conceitos. Para dar conta desta justificação, Marx formulou uma **dupla crítica**: uma dirigida à *mentalidade teologizante* dos velhos *hegelianos* e assemelhados, e outra dirigida ao materialismo dos jovens *hegelianos*, pela crítica insuficiente da religião. Enfim, este estudo mostrou que Marx procurou justificar a filosofia, do ponto de vista do materialismo, sem cair no determinismo, e justificar a liberdade, sem retornar, como os velhos *hegelianos* e muitos outros, ao irracionalismo religioso.

Palavras chave: Filosofia. Religião. Crítica da religião. Materialismo. Marxismo. Irracionalismo. Atomismo.

ABSTRACT

In this monograph they compare and establish itself the differences between religion concepts and present philosophy in the works of the youth of Marx (1839-1844), notably in his Doctor's Dissertation entitled *The Difference Between the Democritean and Epicurean Philosophy of Nature*; for such, they were carried in consideration the few studies about Marx, while philosopher, as well as, the current importance of the theme of the relationships between philosophy and religion. To accomplish that goal, it became necessary: compare, in the Doctor's Dissertation and in other written of the youth Marx (1839-1844), the philosophy concepts and of religion; stress Marx's Intuitions, fundamental for the posterior formulations of these concepts; establish the differences between philosophy concepts and of religion in the works of the youth of Marx, notably your Doctor's Dissertation. To make this justification, Marx formulated a **critical couple**: one driven to the *mentality teologizante* of the old *hegelianos* and resembled, and another driven to the materialism of the young *hegelianos*, by the insufficient criticism of the religion. Finally, this study showed that Marx tried to justify the philosophy, of the point of view of the materialism, without falling in the determinism, and to justify the freedom, without returning, as the old *hegelians* and many another, to the religious irrationalism.

Keywords: Philosophy. Religion. Critical of the religion. Materialism. Marxism. Irrationalism. Atomism.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	10
1. OS TEXTOS E O CONTEXTO FILOSÓFICO DE MARX	
1.1 A relação da filosofia com a religião em Hegel.....	12
1.2 “Hegelianos” de direita e de esquerda.....	15
2. A CRÍTICA MARXIANA À RELIGIÃO	
2.1 A filosofia do jovem Marx.....	18
2.2 A Tese de Doutorado: dois materialismos	22
2.3 O teologismo racional de Plutarco.....	30
2.4 O irracionalismo religioso.....	33
CONCLUSÃO.....	37
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	40

Introdução

Pretendemos nesta monografia comparar e estabelecer as diferenças entre os conceitos de religião e filosofia presentes nas obras da juventude de Marx (1839-1844), notadamente em sua Tese de Doutorado intitulada *Diferença da Filosofia da Natureza de Demócrito e de Epicuro*; para tal, levaremos em consideração os poucos estudos sobre Marx, enquanto filósofo, bem como, a importância atual do tema das relações entre filosofia e religião, e para fazê-lo, nos apoiaremos basicamente nas próprias obras de Marx.

Com este objetivo escolhemos a obra de Karl Marx, quando jovem, entre 1839 e 1844, período em que na Alemanha se travou este mesmo debate. Marx foi um firme defensor da filosofia e da ciência frente ao irracionalismo e a superstição e formou os conceitos principais do seu pensamento posterior justamente no calor deste debate de idéias. Os textos da juventude nos mostram um Marx filósofo envolvido na crítica às formas de consciência alienadas, opostas ao saber real, que impedem o homem e a sociedade em que vive de tomar consciência de si, e das condições sociais de opressão e manipulação espirituais, políticas e econômicas e assim o impedem de compreender e exercer a sua liberdade. Este embotamento da consciência tem na forma da consciência religiosa um dos seus mais fortes aliados; Marx empenhou-se em fazer a crítica desta forma de consciência através da filosofia e escolheu a filosofia materialista de Epicuro, interpretando-a como a filosofia da autoconsciência grega, o iluminismo grego, para fundamentar este combate.

Para cumprir nosso objetivo, pretendemos estabelecer as diferenças entre os conceitos de filosofia e de religião na Tese de Doutorado e em outros escritos do jovem Marx (1839-1844) e ressaltar as intuições de Marx, fundamentais para as formulações posteriores dos conceitos citados.

Neste sentido, este estudo visa a uma melhor compreensão da crítica marxiana dos campos da filosofia e da religião, especificando mais claramente diferenças conceituais e históricas entre elas, assim como, delimitando o domínio de cada um dos conceitos, para, desse modo, criticar o ocultamento, a ilusão ideológica e a própria da alienação que resultam no inverso do trabalho da ciência, que consiste em desvendar, esclarecer e compreender através da razão e da observação.

Tendo como referência o pressuposto de que “*A crítica da religião, no caso da Alemanha, foi na sua maior parte completada; e a crítica da religião é o pressuposto de toda a crítica*”² vamos observar que a Alemanha foi um lugar privilegiado - por sua contribuição filosófica - deste conflito espiritual entre as religiões e filosofias, e Marx esteve, enquanto filósofo, no centro do debate. Os textos desta época -1839 a 1844- ainda são pouco trabalhados e até as traduções são difíceis de obter. Para este estudo, nos limitaremos a trabalhar alguns dos principais textos de Marx, tendo como condutor o texto da Tese de Doutorado *Diferença da Filosofia da Natureza de Demócrito e Epicuro*, bem como dos “*Cadernos para a Filosofia epicurista, estóica e cética*”, os *Manuscritos econômico-filosóficos*, os artigos *A questão judaica* e a *Crítica à Filosofia do Direito de Hegel – Introdução*. A raridade dos estudos sobre os textos do jovem Marx, além do fato de que neles a ênfase está mais no pensamento de Marx como filósofo do que como economista ou político, nos pareceu um motivo a mais justificar a relevância deste trabalho.

Analisaremos inicialmente o contexto filosófico em que Marx escreveu, o qual era um contexto marcado pelo hegelianismo, e, em seguida, examinaremos a crítica marxiana em quatro etapas: a filosofia do jovem Marx; a primeira crítica marxiana feita na Tese de Doutorado; a segunda crítica marxiana dirigida à mentalidade teologizante na filosofia; e uma análise da evolução da crítica marxiana ao irracionalismo religioso, desde a Tese de Doutorado até os Manuscritos de 1844. Concluiremos mostrando como Marx justificou sua filosofia da religião partindo da tradição filosófica epicurista para formular uma superação desta **dupla crítica** acima citada.

² MARX. *Crítica da Filosofia do Direito de Hegel - Introdução*, p. 45

1. Os textos e o contexto filosófico de Marx

O pensar se pôs em si; a jovem águia da razão logo levantou vôo por si mesma para o sol da verdade, e combateu contra a religião.
(HEGEL. *Introdução à História da Filosofia*, p. 127).

1.1 A relação da filosofia com a religião em Hegel

A filosofia surge no âmbito da religião, segundo Hegel, entre os gregos, para depois se fortalecer, ganhar autonomia, separar-se, enfrentar e combater a religião, e posteriormente, superar a religião.

“O conteúdo geral da filosofia existiu antes em forma de religião, na forma de mito, que em forma de filosofia. Portanto, temos também de demonstrar esta diferença”³.

Para Hegel, filosofia e religião tem o mesmo objeto – o Absoluto, mas dele se aproximam de forma diferente, pois: *“a religião tem o mesmo objeto da filosofia, a diferença está somente no modo de consideração”*.⁴

A religião trata o objeto através da forma da representação de um objeto externo, e a filosofia o faz através do pensamento, de forma conceitual. Este caminho ocorreu entre os gregos. A filosofia surgiu do mito, ganhou autonomia, tornou-se crítica da religião popular e depois a compreendeu. De novo no mundo medieval e no Renascimento: a filosofia submetida à teologia ganhou crescente autonomia, tornou-se independente, tornou-se oponente, enfim, compreendeu a religião. Assim, se não é feita a crítica da religião, não é possível a sua superação - a sua compreensão. É aí que tem sentido a palavra de Marx: *“a crítica da religião é o pressuposto de toda crítica”*⁵. Daí decorre que evitar a crítica religiosa faz cessar o processo da compreensão da religião, e assim, não há como evoluir para a crítica política e social. A crítica irreligiosa opõe-se a

³ HEGEL. *Introdução à História da Filosofia*. P 11 e 105.

⁴ Idem, P 108.

⁵ MARX, K. *Contribuição à crítica da Filosofia do Direito de Hegel - Introdução*. Trad. Alex Marins, S. Paulo, Ed. Martin Claret, 2001, p. 45.

que a filosofia continue submetida e serve da religião, sendo julgada em seu tribunal. A confusão teórica entre filosofia e religião permite fazer passar filosofia submissa por compreensão filosófica, *teologismo racional* por “filosofia sem preconceitos religiosos”, doutrinação teológica por discussão filosófica. A expressão *teologismo racional* foi usada por Marx para definir uma *mentalidade teologizante* na filosofia que procura justificar racionalmente a irracionalidade religiosa, como mostraremos adiante.

Os grandes filósofos de cada momento histórico combateram os deuses do seu tempo e a forma da religião do seu tempo. É o caso de Sócrates, dos pensadores gregos, dos pensadores iluministas, é o caso dos pensadores da reforma protestante como Hegel, que combateram a forma da religião do seu tempo, no caso dos alemães, a religião católica. Eis o que diz Hegel sobre a diferença entre filosofia e religião: “*Não obstante a afinidade, a diferença entre as duas chega a ser intolerância declarada*”⁶. Hegel não se omite de citar as perseguições aos filósofos pela religião popular grega, nem a esclarecer que a igreja cristã é “*muito mais sensível*” do que os religiosos gregos em relação aos filósofos. Muitos filósofos tentam usar a razão, usar a filosofia para justificar a teologia, justificar a religião, como tentou fazer a direita hegeliana, e como faziam os escolásticos da Idade Média, que não hesitaram em colocar a filosofia “a serviço” da teologia. Surpreendentemente, em vez de combater os deuses do seu tempo, as formas que a religião do seu tempo, eles corroboram e reforçam tais crenças, abdicam da filosofia e tornam-se teólogos racionais, à maneira de Plutarco.

Hegel, no livro *Introdução à História da Filosofia* afirma que a relação entre filosofia e religião tem se desenvolvido como descrevemos no início deste item. Se for este o desenvolvimento da relação entre filosofia e religião, então, nas culturas em que a filosofia encontra-se confundida com a religião, passar à fase de combate é essencial para o seu desenvolvimento. Para Hegel, a filosofia pode compreender a religião, mas não o inverso⁷. Este compreender envolve disciplinas como História da Religião, Filosofia da Religião, Religião Comparada, Antropologia da Religião. Marx, ao comentar nos *Manuscritos... a Filosofia do Direito* de Hegel, esclarece este “compreender”:

[XXIX] *Se eu conheço a religião como autoconsciência*

⁶ HEGEL, G. *Introdução à História da Filosofia*. Trad. Euclidy Carneiro da Silva. S.Paulo, 1980 2ª ed. Hemus, p.362

⁷ HEGEL, G. *Introdução ...*, p. 129.

*humana alienada, o que nela conheço como religião não é a minha autoconsciência, mas a minha autoconsciência alienada nela confirmada. A minha própria identidade, a autoconsciência que é a sua essência, não a vejo confirmada na religião, mas na eliminação e na superação da religião*⁸.

Destaca o papel da filosofia no processo:

*Na sua existência real, esta natureza móvel encontra-se oculta. Só vem à luz e só se revela no pensamento, na filosofia; por conseguinte, a minha verdadeira existência religiosa é a minha existência na filosofia da religião...*⁹

E conclui mais adiante:

*Mas, se a filosofia da religião constitui para mim a única verdadeira existência da religião, só sou legitimamente religioso como filósofo da religião, negando assim a religiosidade real, e o homem religioso real.*¹⁰

A questão religiosa dividiu os discípulos de Hegel conforme o modo como relacionavam a filosofia do mestre com a religião.

⁸ MARX. MARX, K. *Manuscritos econômico-filosóficos*. Trad. Alex Marins. S. Paulo, Ed Martin Claret, 2001. P.185.

⁹ Idem...p. 186

¹⁰ Idem...p. 186.

1.2. “Hegelianos” de direita e de esquerda

Os discípulos de Hegel dividiram-se em hegelianos de direita e de esquerda. Os primeiros praticavam um *teologismo racional*¹¹ procurando conciliar a filosofia de Hegel com a religião; os hegelianos de esquerda, denominados jovens hegelianos, procuravam tirar da filosofia de Hegel uma crítica à religião, como é o caso de Bauer¹², Marx, Feuerbach e outros estavam entre os hegelianos de esquerda. Feuerbach escreveu um livro fundamental *A Essência do Cristianismo*. Depois da leitura de *A Essência do Cristianismo*, os hegelianos de esquerda, reconhecendo a importância de Feuerbach, “*todos se tornaram feurbachianos*”¹³. Marx provavelmente se refere a esta crítica no início da Introdução quando afirma: “*A crítica da religião, no caso da Alemanha, foi na sua maior parte completada*”.¹⁴ E, mais adiante, formula uma conclusão feurbachiana: “*Este é o alicerce da crítica irreligiosa: o homem faz a religião; a religião não faz o homem*”¹⁵.

Marx, nos *Manuscritos...*¹⁶, acrescenta:

“Feuerbach é o único que tem uma relação séria e crítica com a dialética de Hegel, e realizou neste campo verdadeiras descobertas; acima de tudo, foi quem superou a antiga filosofia. ...O grande empreendimento de Feuerbach consiste em:

- 1. A prova de que a filosofia constitui apenas a religião convertida em pensamento e desenvolvida pelo pensamento; portanto, deve condenar-se como outra forma e outro modo de existência da alienação do ser humano.*
- 2. A fundamentação do autêntico materialismo e da ciência positiva, à medida que Feuerbach faz da relação*

¹¹ Marx criticou esta atitude filosófica anexando um apêndice na sua *Tese...* sobre a crítica de Plutarco à teologia de Epicuro como exemplo do que a *mentalidade teologizante* pode fazer à filosofia.

¹² Bruno Bauer foi professor demitido da Universidade de Bonn por ter feito a crítica dos textos bíblicos, notadamente dos evangelhos sinóticos de São João.

¹³ GIANOTTI, J. *Karl Marx - vida e obra*. Porto Alegre, L&PM. 2000. P. 23

¹⁴ MARX. *Contribuição ...- Introdução*, p.45.

¹⁵ Idem, p. 45.

social do “homem ao homem” o princípio básico da sua teoria;

3. ... *concebe assim a negação da negação [em Hegel] apenas como a contradição da filosofia consigo mesma, como a filosofia que afirma a teologia (transcendência, etc.) depois de a ter abolido, afirmando-a portanto em oposição a si mesma.*

Posteriormente Marx discordou dos jovens hegelianos por considerar limitada a crítica destes em dois sentidos: por ser uma crítica apenas no aspecto religioso e por abandonar a filosofia de Hegel no que ela tem de mais valioso: o raciocínio dialético. Assim as divergências eram de duas ordens: com relação aos Hegelianos de direita o debate centrava-se na questão religiosa – os de direita desejando conciliar Hegel com a religião e os de esquerda usando Hegel para criticar a religião. Neste ponto Marx concordava com os hegelianos de esquerda como Bauer e Feuerbach – e declara na *Ideologia Alemã* [II,2,p. 35] que este último “*tem a grande vantagem de compreender que também o homem é objeto sensível*”, embora, “*não como atividade sensível*”¹⁷. Outro debate se dava entre Marx e os hegelianos de esquerda: é que Marx acreditava que a dialética hegeliana possibilitava a superação da filosofia hegeliana¹⁸. Neste ponto divergia fortemente dos jovens hegelianos. Os textos que caracterizam este rompimento são *A Sagrada Família*, *A ideologia alemã* e as *Teses sobre Feuerbach*, mas na Tese de Doutorado já se desenha este rompimento fundamental. Marx endossou inteiramente a crítica à religião feita pelos jovens hegelianos, e explicitou isto na tese sob a forma de um elogio da filosofia e uma crítica da religião; entretanto, o embate seguinte entre o

¹⁶ MARX. *Manuscritos...* p 173 e 174

¹⁷ Essa passagem da *Ideologia Alemã* é a explicitação da crítica que Marx faz na 1ª tese sobre Feuerbach ao materialismo anterior. Ali Marx comenta que “*a falha principal, até aqui, de todos os materialismos (incluindo o de Feuerbach) é que o objeto, a realidade efetiva, a sensibilidade, só é percebido sob a forma do objeto ou da intuição; mas não como atividade sensivelmente humana, como prática, e não de maneira subjetiva*” MARX, K. *Teses sobre Feuerbach* em *MARX-vida & obra*, de GIANNOTTI. Trad. Luciano Codato. S. Paulo: L&PM, 2000. P. 108.

¹⁸ No posfácio à Segunda edição de *O Capital*, datado de janeiro de 1873, Marx indica que há quase 30 anos critica “o lado mistificador da dialética hegeliana”. Afirma que “meu método dialético não só difere do hegeliano, mas que é também a sua antítese direta”. Todavia, declara-se “abertamente discípulo daquele grande pensador, e, no capítulo sobre o valor” por ser “o primeiro a expor as formas gerais do movimento [da dialética] de forma ampla e consciente”. Continua Marx comentando que a dialética em Hegel “é necessário inverte-la, para descobrir o cerne racional dentro do invólucro místico” MARX, K. *O capital*. Trad. Regis Barbosa e Flávio R. Kolhe. São Paulo: Abril Cultural, 2ª ed, 1985. P 20 e 21.

materialismo dos jovens hegelianos e Marx, caracterizado por um debate sobre a dialética hegeliana - as possibilidades da filosofia de Hegel ou a forma adequada de contestação a Hegel - é o pano de fundo da Tese de Doutorado de Marx. Quando escolheu as filosofias de Demócrito e de Epicuro, Marx procurava resolver um problema que estava posto nesta divergência entre o materialismo fundamentado na dialética e um materialismo que a recusava. Parecem dois pares Marx-Epicuro e Feuerbach-Demócrito. As diferenças entre os dois materialismos encontradas na “Tese...” caracterizam também as formulações de Marx e Feuerbach, senão vejamos: Marx na “Tese...” procura resolver a controvérsia filosófica tanto em relação a Hegel como a Feuerbach e o resultado é que a sua filosofia posterior será uma síntese do materialismo de Feuerbach com a dialética de Hegel. A Tese... tenta responder a pergunta: como partir da matéria sem renunciar à dialética e cair num materialismo metafísico? Há então a formulação de *duas críticas*, uma a Hegel pelo seu idealismo e outra a Feuerbach por ter abandonado a dialética e, conseqüentemente, não completar a sua crítica, tão bem iniciada com a crítica da religião. Marx chega ao ponto de afirmar que “*a crítica da religião ... é o pressuposto de toda crítica*”¹⁹. Tal afirmação está na famosa *Introdução à Contribuição à Crítica a Filosofia do Direito de Hegel*. Se na *Introdução...* Marx faz tal afirmativa, evidentemente, ele pretende seguir adiante com a crítica subsequente: a crítica da política (direito-estado) e a crítica da economia (crítica social).

19 *Contribuição à Crítica à Filosofia do Direito de Hegel – Introdução*, p. 45

2. A crítica marxiana à religião

“A crítica da religião termina com o princípio de que o homem é, para o homem, o ser supremo”²⁰[MARX].

2.1 A filosofia do jovem Marx

O contexto social, político e econômico em que Marx viveu fundamentou os seus primeiros escritos. O contexto da luta entre os jovens e os velhos hegelianos, no qual os jovens pretendendo refutar Hegel atribuem à natureza o primado ontológico²¹ sobre o espírito. Procuram refutar não apenas os fundamentos de Hegel como o próprio método hegeliano que vê o mundo como um processo de desenvolvimento do espírito. O espírito se objetiva na natureza, e depois, volta-se para si mesmo em direção ao saber absoluto. Os críticos, dos quais Marx fez parte, mudam de perspectiva para dizer: a natureza se fez espírito para observar a si mesma, na verdade esquecem o processo, esquecem a fugacidade, a impermanência, a transitoriedade da natureza e do espírito, e tornam-se metafísicos como Hegel que queriam combater. Marx percebendo que no pensamento de Hegel está a possibilidade de superar as contradições deste mesmo pensamento, rejeita os velhos e também os jovens hegelianos, e afirma que o homem não é apenas espírito e natureza é também social e é na atividade social que o homem é. Na *VI Tese sobre Feuerbach*, Marx assim precisa a sua concepção:

“Feuerbach resolve a essência religiosa na essência humana. Porém a essência humana não é algo abstrato residindo no indivíduo singular. Em sua efetividade é o conjunto das relações sociais”²²

A atividade social coloca o homem como ser genérico, isto é, social - o homem na sua especificidade, como esclarece Marx nos Manuscritos...²³

“O homem é diretamente um ser da natureza” e mais adiante “Um ser, que não tenha a sua característica fora

²⁰ MARX. *Contribuição à crítica da Filosofia do Direito de Hegel - Introdução*, p 53.

²¹ “A filosofia deve começar com o ser, não com o ser-como-tal abstrato, de Hegel, mas com o ser em concreto, isto é, com a natureza”. MARCUSE, H. **Razão e Revolução**. Trad. Marília Barroso. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978. P. 249.

²² MARX. *Teses sobre Feuerbach*, p. 110.

de si, não é nenhum ser natural, não participa do ser da natureza” e ainda “Mas o homem não é exclusivamente um ser natural; é um ser natural humano; ou melhor, um ser para si mesmo, por conseqüência, um ser genérico”.

Para Mestre Eckhart, inspirador da reforma do pensamento religioso na Alemanha, de quem Hegel era admirador, o olho com que Deus nos vê é o mesmo olho com que nós O vemos²⁴. Para Hegel era o olho do espírito. O espírito se concretiza no olho para ver a natureza - o Outro do Espírito. Para Feuerbach, é o olho da natureza que se vê. A natureza olha para si mesma. Para Marx, é olho socialmente determinado que se vê. É o olho humano, isto é, social, como esclarece nos Manuscritos... ao escrever: “*Nem a natureza objetiva, nem a natureza subjetiva se apresentam prontamente ao ser humano de uma forma adequada*”²⁵. Como precisa Bottomore: “*nesse processo, ele [Marx] desenvolve um materialismo especificamente social, desviando da matéria para a prática (material) a concepção do que é material*”²⁶

Marx considera aquilo que há de permanente: a transitoriedade, a fugacidade. Isto se revela e se concretiza na atividade humana que é atividade social. A atividade é o que há de permanente. O mundo de Mestre Eckhart é um mundo que está [estado] continuamente sendo criado, do contrário desabaria no nada. Na filosofia hegeliana o ser e o nada são o mesmo porque um se transforma no outro e se sintetizam no devir. Devir, vir-a-ser. Para Marx é ação, atividade social humana, fundamento único e permanente. *Panta rei*, tudo flui, como disse Heráclito no qual se inspirou Hegel. Esses pensadores: Heráclito, Agostinho, Eckhart e Hegel tiveram consciência da fugacidade do mundo, da impermanência e da incapacidade do mundo ser. Na verdade, tudo está [estado], exceto a mudança. O deus que tudo sustenta é a sociedade - é a humanidade que permanentemente recria tudo. Tudo o que percebemos é socialmente elaborado no sentido indicado por Marx na Tese III sobre Feuerbach:

A doutrina materialista sobre a mudança das circunstâncias e da educação se esquece de que tais circunstâncias são alteradas pelos homens e que o próprio

²³ MARX. Manuscritos...p. 182 e 183

²⁴ ECKHART. *Livro da divina consolação*. “Coisa admirável: ver e ser o que é visto” p. 175.

²⁵ MARX. *Manuscritos...* p. 182.

²⁶ ROY EDGLEY em BOTTOMORE. *Dicionário do Pensamento Marxista*. Trad. Waltensir Dutra. Rio

educador precisa ser educado. Deve por isso separar a sociedade em duas partes - uma das quais se coloca acima da outra.

*A coincidência da alteração das circunstâncias com a atividade humana e a alteração de si próprio só pode ser compreendida e entendida racionalmente como práxis revolucionária.*²⁷

Trabalhamos os dados da sensibilidade com valores e conhecimento sociais. Observamos no mundo sensível ao redor bens e serviços construídos pela sociedade a partir da natureza. Se a sociedade parar e não sustentar estes bens e serviços eles tornar-se-ão inúteis, sem significado. A maquinaria construída por outros e não necessariamente pelo usuário são mantidas socialmente. Sem a sociedade elas param por falta de combustível e de manutenção mecânica. O mundo social é socialmente sustentado. O mundo natural, do qual o social faz parte e é o refinamento, é naturalmente sustentado. O “eu” - fundamento da filosofia moderna - é fugaz. O que o mantém é apenas a memória. Memória que diariamente esquece e esconde da consciência uma parte do que aconteceu ontem, de forma que daqui a alguns anos não terá disto a mínima lembrança consciente. Assim esta autoconsciência em que se funda a filosofia moderna - a única certeza - é de incrível fugacidade. O seu ser de ontem morreu e nasceu de novo, aliás, tal ser nasceu agora e morreu. A única coisa que dá a ilusão de permanência é a memória. O que existe na realidade é a mudança e a ilusão de permanência. Deduzimos a certeza da existência empírica de uma ilusão. O “eu” empírico também é social. Também é produto e também produz a sociedade, a natureza, o mundo, numa inter-relação permanente. Marx busca a síntese sujeito-objeto, homem-natureza, pensamento-ser, idealismo-materialismo como esclarece nos *Manuscritos*...

*“Vemos agora como o naturalismo consistente ou o humanismo se distingue tanto do idealismo como do materialismo, constituindo ao mesmo tempo a sua verdade unificadora. Descobrimos ainda que só o naturalismo é capaz de compreender o processo da história mundial”*²⁸.

de Janeiro: Zahar, 1988. p. 154.

²⁷ MARX. *Teses sobre Feuerbach*, p 109.

²⁸ MARX. *Manuscritos*... p. 182.

Marx fez a seguinte inferência: ser-nada-devir, vir-a-ser permanente, atividade autoconsciente, produção social. Esse é o caminho da filosofia de Marx. O pressuposto que não é apenas o “eu” empírico e fugaz de Descartes, não é somente a natureza objetivada de Feuerbach, não é o espírito subjetivo de Hegel, mas é a atividade livre, a *práxis* revolucionária humana, tal como está precisada no final da Tese I sobre Feuerbach:

“... pois [o idealismo] naturalmente, não conhece a atividade efetiva e sensível como tal. Feuerbach quer objetos sensíveis - realmente diferenciados dos objetos do pensamento; mas não compreende a própria atividade humana como atividade objetiva. Por isso considera, em A Essência do Cristianismo, o comportamento teórico como aquele autenticamente humano, enquanto a práxis só é compreendida e fixada em sua forma judia e suja. Não entende por isso o significado da atividade "revolucionária", "prático-crítica".”²⁹

O termo *revolução* tem origem na Astronomia e, na modernidade filosófica³⁰, passou a significar a capacidade do homem de fazer a sua própria História e assim a possibilidade de a modificar radicalmente. Esta é um dos conceitos principais do Iluminismo. E Marx, preocupado com a relação entre filosofia e *práxis*, adota este conceito, típico do seu tempo, marcando uma diferença entre o seu materialismo e o de Feuerbach.

Assim como, na modernidade, deu-se uma revolução copernicana na filosofia, também, na doutrina epicurista sobre os *meteoros*³¹ há uma antecipação da física moderna (unificada) e da revolução copernicana na filosofia. O vínculo entre a filosofia e as doutrinas sobre os corpos celestes, resultava, na Grécia, em imensas implicações religiosas; e a teoria epicurista sobre tais assuntos traz conseqüências semelhantes àquelas ocorridas na modernidade. Por este motivo Marx denomina Epicuro de *iluminista grego* como veremos a seguir.

²⁹ MARX. *Teses sobre Feuerbach*, p 108

³⁰ Kant, por ex., se refere à *revolução copernicana* na filosofia na Introdução da *Crítica da Razão Pura*.

³¹ - “*corpos celestes e os processos que lhes dizem respeito*”. MARX, *Diferença da Filosofia...*, p. 203

2.2 A Tese de Doutorado: dois materialismos

Anaxágoras respondeu a alguém que lhe perguntou porque nascera: “Para contemplar o Sol, a Lua e o céu”. [MARX, Diferença da Filosofia..., p. 203].

A *Diferença Entre a Filosofia da Natureza de Demócrito e de Epicuro* é o título e o tema da Tese de Doutorado de Marx. O texto aborda a diferença entre os dois materialismos e também faz a crítica da *mentalidade teologizante* de alguns filósofos que usam a filosofia para justificar a religião. Marx faz um exame das opiniões sobre Epicuro de Cícero, Plutarco, Gassendi e Hegel e, discordando da opinião deles, defende a tese de que os sistemas epicurista, estoíco e cético são “*a chave da verdadeira história da filosofia grega*”.³²

Demócrito é cético, privilegia o conhecimento empírico e tem como categoria maior o destino representado pela *necessidade*. O empirismo cético e o determinismo o levam a buscar o conhecimento por experimentação e observação. Demócrito explica a existência real das coisas, mas considerava o mundo sensível como aparência subjetiva, assim, conhecemos só a aparência ou o fenômeno, mas não a *coisa-em-si*, na linguagem da filosofia moderna. O conhecimento da realidade atômica, pois só têm existência real o átomo e o vazio, é inacessível aos sentidos. Demócrito desenvolve um positivismo que privilegia o conhecimento imediato através das ciências empíricas. São conhecidas as suas viagens para estudo e observação. Os átomos e suas qualidades são compreendidos como hipóteses. Movimento atômico é de queda e repulsão. Assim o átomo é passivo, movido por forças externas. O tempo é subjetivo uma vez que os átomos e o vazio são eternos assim como, são eternos os corpos celestes. O materialismo de Demócrito pode ser comparado, quanto à sua passividade, com o materialismo de Feuerbach, limitado à crítica ao irracionalismo da religião.

Epicuro é dogmático no sentido de buscar um conhecimento lógico e sem contradições, busca conhecer mais pela filosofia do que pela ciência empírica. Não se registram viagens de estudo ou observação feitas por Epicuro. Tem no *acaso* (possibilidade) a categoria maior, caracterizando a sua filosofia pela liberdade e certeza

³² MARX, Diferença ...p. 124

sensível, pela busca da *ataraxia*³³ e auto-suficiência da consciência que suprime a realidade objetiva da natureza. Entende o mundo sensível como fenômeno objetivo e admite a possibilidade do conhecimento verdadeiro através do pensamento autônomo como mediação. Os átomos são essências e possuem três movimentos: queda; repulsão; declinação em relação à linha reta. O átomo é ativo e capaz de automovimento. Admite a matéria e o vazio eternos. O tempo é o acidente do acidente; a mudança enquanto mudança. Considera os corpos celestes como átomos e assim uma única física para toda a natureza. Marx, na “Tese...”, concorda com Epicuro na crítica do fundamento terreno da religião, na defesa da liberdade e da vinculação entre filosofia e vida.

Como exemplo “*do que a mentalidade teologizante pode fazer à filosofia*”³⁴, Marx acrescentou um Apêndice com a defesa da teologia de Epicuro, contra a crítica de Plutarco, e, para esclarecer o significado desta mentalidade, faz uma defesa veemente da autonomia da filosofia especialmente contra arrastar “*a filosofia ao tribunal da religião a fim de a julgar*”³⁵ e proclama a oposição da filosofia, “*a todos os deuses do céu e da terra que não reconheçam como divindade suprema a consciência de si que é própria do homens*”³⁶.

Marx, na Tese, considera as filosofias do período helenístico - “*epicuristas, estoicos e cétricos*” - como o pôr-do-sol da especulação grega e não um apêndice sem relação com as premissas anteriores. Parte da relação entre o atomismo de Demócrito e de Epicuro para exemplificar a relação da filosofia grega em seu ocaso com a especulação grega anterior. Promove uma revalorização do epicurismo – considera Epicuro como o “*iluminista grego*” - frente a Demócrito, visando apontar uma diferença essencial na filosofia deles. E são essenciais à filosofia epicurista: a eternidade da matéria e a eternidade do vazio – negativo da matéria que possibilita o movimento; o pressuposto de que não há bem para o homem no mundo, ou seja, “*fora*” do homem, na exterioridade, pois o único bem do mundo é ser livre em relação ao mundo – a ausência de pressupostos; e o átomo é forma universal do conceito, o gênero, a espécie.

Marx cita a opinião desfavorável de pensadores antigos sobre Epicuro, repetida pelos padres da igreja, considerando-o plagiador da física de Demócrito:

³³ Ataraxia, para Epicuro, é ausência de dor no corpo e de perturbação na alma. É o prazer estável que o sábio deve procurar.

³⁴ MARX, Diferença ...p. 143

³⁵ HUME *apud* MARX, idem p. 143

³⁶ MARX, Diferença... p. 143

“Reencontramos esta opinião desfavorável [plágio]...nos padres da igreja. Apenas cito, em nota, uma passagem de Clemente de Alexandria, um padre da igreja que merece ser referido em particular na medida em que interpreta o preconceito do apóstolo Paulo [Col, II, 8 e Atos, XVII, 181] contra a filosofia como um preconceito contra a filosofia epicurista por esta nunca ter delirado com a providência e outras coisas do mesmo teor”³⁷.

E também a mesma opinião de pensadores modernos, mencionando Leibniz: “...os escritores modernos também consideram Epicuro... como um simples plagiador de Demócrito”³⁸. Fica demonstrado assim que tais críticos (antigos e modernos) foram incapazes de perceber a diferença entre os dois pensadores atomistas.

Marx concorda que os princípios de Demócrito e Epicuro são os mesmos: átomos e vazio. Mas observa que Demócrito e Epicuro se “opõem diametralmente em tudo o que diz respeito à verdade, à certeza, à aplicação da física e às relações entre o pensamento e a realidade em geral”³⁹.

Marx identifica três diferenças entre as físicas de Demócrito e Epicuro:

- 1 – Diferença na teoria do conhecimento: Demócrito é cético e Epicuro dogmático. Conhecemos apenas o fenômeno, que é aparência para Demócrito e critério de verdade para Epicuro.
- 2 – Diferença na prática científica: Demócrito procura conhecer pela observação empírica, busca o saber positivo, viaja por meio mundo em busca de experiências e conhecimentos com grandes mestres, pois não encontra satisfação na filosofia – a verdadeira ciência. Epicuro encontra na filosofia a satisfação e despreza as ciências positivas enquanto não servem à *ataraxia*. E não sai de seu jardim jactando-se de ser autodidata.
- 3 – Diferença na relação entre *pensamento e ser*. A *necessidade* é a categoria forte para Demócrito que desdenha do *acaso*. Enquanto para Epicuro, a *necessidade* não existe e sim o *acaso*. Em decorrência desta diferença, frente aos fenômenos físicos Demócrito

³⁷ MARX, idem p. 140

³⁸ MARX, idem p. 141

³⁹ MARX, idem p. 143

explica tudo pelo *determinismo* (etiologia⁴⁰) e Epicuro pela *possibilidade* - múltiplas causas cuja condição é que satisfaçam ao sujeito que explica e não contrariem a *percepção sensível*.

Demócrito admite dois movimentos do átomo: a queda em linha reta e a repulsão. Para Epicuro os movimentos são três e, aos dois admitidos por Demócrito, acrescenta o princípio do automovimento do átomo que é a declinação em relação à linha reta. Este movimento autônomo causa as composições de átomos, os encontros – a repulsão –, e origina assim a criação do mundo, resultando, no âmbito moral, na liberdade.

Demócrito considera as qualidades do átomo enquanto fenômeno, mas não quanto ao átomo em si; seriam três as qualidades: a forma, a posição e o arranjo. Para Epicuro o átomo tem qualidades em si mesmo e são elas a grandeza, a forma e o peso. Todas estas qualidades contrariam o conceito de átomo e, para solucionar a contradição, Epicuro esclarece que tais qualidades só têm sentido como diferença entre os átomos, ou seja, considerando as composições dos átomos e o seu encontro (repulsão). Neste ponto Epicuro faz a afirmação que despertou admiração de que os átomos no vazio caem com a mesma velocidade, independente da sua massa. Afirmação que a ciência empírica viria a comprovar, séculos depois, nas experimentações de Galileu, como precisa Marx:

“Gassendi louva Epicuro por se ter adiantado, somente guiado pela razão, à experiência que mostra que os corpos, apesar da sua grande diferença de peso e massa, possuem a mesma velocidade quando caem verticalmente”.⁴¹

E Marx ressalta, valorizando Epicuro frente a Demócrito:

“Epicuro objetivou o conceito do átomo, entre essência e existência, criando assim a ciência do atomismo, enquanto em Demócrito não se encontra nenhuma realização do princípio e sim a mera defesa material e a produção de hipóteses empíricas”.⁴²

Epicuro denomina átomos os *princípios*, não por serem pequenos, conhecíveis

⁴⁰ Estabelecimento da conexão necessária entre causa e efeito. Atualmente refere-se mais à causa das doenças (Medicina).

⁴¹ MARX, *Diferença...* p. 187

⁴² MARX, *Diferença da Filosofia...*, p. 187

apenas pelo entendimento, mas por serem indivisíveis, a etimologia da palavra átomo que dizer exatamente isto: indivisível. Parece assim que átomos não possuem qualidades espaciais, entretanto, contraditoriamente, Epicuro afirma que os átomos, percebidos apenas pela razão, são *elementos* que compõem os corpos. Para Demócrito o átomo tem apenas o papel de suporte material – elemento – *stoikheíon*. Esta substância de onde tudo vem e na qual tudo se dissolve, entretanto, o átomo mantém-se como sedimento eterno desta destruição. A morte é imortal. “*O átomo como tal só existe no vazio*”⁴³ - observa Marx. Diferentemente de Demócrito, Epicuro, considera o átomo sob dois aspectos, enquanto princípio – *arkhé* – não tem qualidades, mas, como base do mundo fenomênico, alienado do seu conceito, é elemento – *stoikheíon*.

O tempo não é necessário para o sistema de Demócrito. Ele está fora do mundo da essência e existe na consciência do sujeito. Epicuro, diferentemente, considera o tempo como acidente do acidente, isto é a mudança em si mesma da substância. O tempo é mudança e movimento ativo. A reflexão do fenômeno sobre si mesmo. A sensibilidade humana é “*a incarnação do tempo, a reflexão do mundo dos sentidos, nascido para a vida, sobre si mesmo*”⁴⁴.

Através dos sentidos a natureza sente a si mesma. Para Demócrito o tempo é “*fenômeno subjetivo*”, para Epicuro é uma consequência necessária, pois a mudança do mundo e a sua impressão na sensibilidade são uma só coisa. Assim como a razão é o critério do mundo dos átomos, os sentidos são o critério de verdade da natureza concreta.

Enquanto Demócrito fica restrito à observação empírica e sem relação com o atomismo, Epicuro tem uma teoria relativa aos “*corpos celestes e os processos que lhes dizem respeito, ou sobre os meteoros (expressão que abrange sinteticamente tudo aquilo)*”⁴⁵, que se opõe tanto a Demócrito como a toda a especulação filosófica e ao povo grego. Para Marx, nos meteoros “*Epicuro opõe-se não só à opinião de Demócrito, mas ainda à de toda a filosofia grega*”⁴⁶ e também “*às concepções de todo o povo grego*”⁴⁷. Os gregos veneravam o céu, até mesmo os filósofos⁴⁸, como Aristóteles,

⁴³ MARX, *idem...*, p. 196

⁴⁴ MARX, *idem...*, p. 200

⁴⁵ MARX, *idem...*, p. 203

⁴⁶ MARX, *idem...*, p. 203

⁴⁷ MARX, *idem...*, p. 204

⁴⁸ ANAXÁGORAS disse que nasceu “Para contemplar o Sol, a Lua e o céu”. MARX, *Diferença...*p. 203.

como precisa Marx: “Assim, Aristóteles, de acordo com os outros filósofos gregos, considera os corpos celestes eternos e imortais”⁴⁹, viam neles a eternidade característica do espiritual. Mais do que do espiritual, do divino, pois correspondia à crença de que os corpos celestes são deuses eternos e imutáveis, conforme a observação de todos e o testemunho das gerações anteriores.

Os corpos celestes estão na própria origem dos mitos dos deuses. “O fato de existir um céu é evidente”⁵⁰, lembra Marx. Sendo assim suporte firme para o mito. Epicuro discordou desta teoria do céu eterno porque viu nela o maior problema da alma humana pela perturbação que causa admitir a existência de um mundo eterno e, simultaneamente, um outro mundo submetido à mudança. Seria admitir a existência de duas físicas – como fez Aristóteles – uma tratando do eterno (o céu acima da Lua) e outra do temporal (o mundo sublunar). Marx cita como fonte a *Metafísica* de Aristóteles nº 968, 1074 a 38 e 1074 b 1 e seguintes, e também *De Caelo* (do céu) nº 270 b⁵¹ e diz, literalmente: “Assim, Aristóteles, de acordo com os outros filósofos gregos, considera os corpos celestes eternos e imortais”⁵² e assim diferentes dos demais corpos, pois, para Aristóteles:

“É por o primeiro corpo ser qualquer coisa diferente, exterior à terra, ao fogo, ao ar e à água, que eles [os bárbaros e Helênicos antigos] chamaram ao lugar mais elevado <éter>, *Thein aeí* [curso eterno], acrescentando-lhe o nome de tempo eterno. Mas tanto o céu como o lugar mais elevado foram atribuídos pelos antigos às divindades, pois só estas são imortais. Ora a teoria atual demonstra que o éter é indestrutível, sem origem, e que não participa em nenhum dos infortúnios humanos. Deste modo, as nossas concepções correspondem simultaneamente à revelação de Deus”⁵³.

Antes havia afirmado, conforme Marx: “Se existe um deus, como de fato acontece, a nossa afirmação sobre a substância dos corpos celestes mantém-se verdadeira; o que corresponde igualmente à percepção sensível e fala a favor da convicção dos

⁴⁹ MARX, *Diferença da Filosofia...*p. 208

⁵⁰ MARX, *idem...*, p. 205

⁵¹ MARX, *idem...*, p. 203, 204,205

⁵² *idem* p. 208

⁵³ *idem* p.204

homens”⁵⁴. Epicuro discorda de tudo isto: “*os corpos celestes não são eternos porque perturbariam a ataraxia da consciência de si*”⁵⁵, ou seja, é contraditório com a razão e a observação admitir a existência de corpos eternos (no céu) e de corpos transitórios (na terra). Enquanto Aristóteles⁵⁶ critica a crença dos antigos de que a terra e o céu eram sustentados pelo titã Atlas, Epicuro censura a crença de que “*o homem necessita do céu*”⁵⁷, atribuindo tal crença “*à idiotice e à superstição humana. A idiotice e a superstição são igualmente titãs...*”⁵⁸.

Epicuro admite que no céu vemos fenômenos perturbadores, mas, também neste caso devemos nos ater à percepção sensível e admitir múltiplas explicações, pois, observa, o comportamento dos astros é muito irregular e assim é impossível admitir uma explicação única (eterna e divina). Epicuro se opõe aos astrólogos e aos estóicos por avançarem uma explicação única que impede a *ataraxia*. E, para ele, isto invalida a explicação.

Demócrito admitia que os corpos celestes são composições de átomos, e como tais, não podem ser eternos. Epicuro raciocina que se os corpos celestes são eternos e são pesados, mas têm os seus centros de gravidade em si mesmos, deslocam-se no vazio e o seu movimento afasta-se da linha reta formando um sistema de atração e repulsão no qual conservam a sua autonomia e, finalmente, determinam o tempo com o seu aparecimento, então, os corpos celestes são “*os próprios átomos tornados efetivamente reais*”⁵⁹. Eles são a comprovação material do atomismo. A contradição entre essência e existência que permeia todo o epicurismo é reconciliada.

Na teoria dos meteoros, para Marx, surge a alma da filosofia epicurista da natureza: a autonomia da consciência de si como singularidade abstrata. Esta autonomia que vincula a filosofia com o bem viver coincide com a preocupação de Marx de “como tornar a filosofia uma práxis?”. Esta autonomia da racionalidade que está no mundo e na consciência torna Epicuro o iluminista grego que “*ousou defrontar a religião que ameaçava dos céus os mortais e deitou por terra a superstição*”⁶⁰, conforme o elogio de Lucrécio.

⁵⁴ idem p 204

⁵⁵ MARX, *Diferença da Filosofia...*, p. 209

⁵⁶ idem, p. 206, segundo parágrafo

⁵⁷ idem p. 206

⁵⁸ idem p. 206.

⁵⁹ MARX, *Diferença da Filosofia...*, p. 211

Assim na Tese de Doutorado, principalmente no capítulo final sobre os meteoros⁶¹, Marx faz uma **primeira crítica** ao materialismo determinista e contemplativo, o qual é incapaz de enfrentar a explicação mitológica do mundo. Inicia também a fundamentação de um materialismo ativo, de uma filosofia autônoma e vinculada à vida partindo do epicurismo que “*deitou por terra a superstição*”. E, anexa à própria Tese, Marx formula uma **outra crítica** direcionada contra a *mentalidade teologizante* de alguns filósofos, como veremos no item 2.3 sobre “*O teologismo racional de Plutarco*”.

⁶⁰ LUCRÉCIO apud MARX, *Diferença da Filosofia...*, p. 215

⁶¹ “*corpos celestes e os processos que lhes dizem respeito*” [MARX, *Diferença ...*, p. 203]

2.3 O teologismo racional de Plutarco

Plutarco defende assim a mesma determinação que Epicuro, mas nele só se encontra como imagem, como representação, aquilo que Epicuro chama pelo nome conceitual ..[MARX, Cadernos...p. 55]

A crítica marxiana à religião, no âmbito da nossa investigação, caracteriza-se, como observamos anteriormente, por **duas críticas**. Uma delas dirige-se ao *teologismo racional*, significando com esta expressão uma *mentalidade teologizante*, que procura dar uma aparência de racionalidade ao irracionalismo religioso e usa filosofia como serva para este propósito. É característico deste *teologismo* levar “*a filosofia ao tribunal da religião a fim de a julgar*”⁶², com fez Plutarco na polêmica contra a teologia de Epicuro, ou rejeitar a religião para melhor justificá-la, como fizeram Hegel e os velhos hegelianos. Esta crítica marxiana à religião parte um texto de Plutarco, muito representativo desta *mentalidade teologizante*, no qual Plutarco ataca Epicuro. Destacamos três críticas de Marx ao texto de Plutarco: as provas da existência de Deus; o argumento de que a fé em Deus inibe a maldade humana e as provas da imortalidade da alma individual.

Marx examina as provas da existência de Deus - o ser transcendente, fazendo a crítica a Hegel por ter invertido as provas teológicas, “*rejeitando-as a fim de as justificar*”.⁶³ Hegel, afirma: o fortuito não existe, logo, Deus -o Absoluto- existe. Enquanto a teologia afirma o inverso que Deus existe porque o mundo é fortuito. E assim, segundo Marx, é lógico afirmar o contrário. As provas da existência divina seriam *tautologias ocas*. A famosa *prova ontológica*⁶⁴ também pode ser invertida e provar a inexistência de Deus. Para Marx, se um dado país não crê num deus de outro, tal deus representado não existe neste país. Este país, diz Marx, é o país da razão, no qual inexistem todos os deuses. E ainda, contra a *prova ontológica*, argumenta Marx que se perguntamos qual o ser que existe imediatamente pelo fato de ser pensado, a resposta não é Deus, mas *a consciência de si*. As provas da existência tornam-se assim

⁶² MARX, *Diferença da Filosofia...*, p. 143

⁶³ MARX, *idem* p. 218

⁶⁴ *Prova ontológica* consiste em afirmar a existência de Deus a partir da representação de Deus, pois não haveria outro modo de explicar a origem de tal representação na consciência humana.

refutações do que desejam provar. A verdadeira prova, para Marx, seria afirmar “*Porque o pensamento não existe, Deus existe*”⁶⁵. E afirmar isto equivaleria a considerar o mundo irracional. Mas quem o afirmasse seria ele próprio irracional, pois parte do mundo irracional, logo, seria irracional a existência de Deus.

Outra afirmação de Plutarco é que o “temor de Deus” inibe os maus e que a multidão não teme a Deus, pois entende que Deus só pune os maus. Assim Plutarco pensa contestar o “medo dos deuses” que, para Epicuro, perturba a *ataraxia*. Mas, o “punir” do indivíduo empírico significa apenas, para Marx, que Deus é conjunto das conseqüências danosas para o autor de “*atuações empíricas incorretas*”⁶⁶. Assim é *por medo* que o indivíduo singular não age mal. Age bem para não perturbar a sua *ataraxia*, exatamente como ensina Epicuro. Aqui fica claro, argumenta Marx, que o *teólogo racional* denomina Deus, aquilo que Epicuro chama pelo seu nome conceitual: a *ataraxia*. Ainda mais, o *teólogo racional* estabelece a relação do indivíduo com a sua *ataraxia* como uma relação do indivíduo com um deus “fora” dele. E assim demonstra, novamente, que concebe deus como algo externo, como faz a religião, e não como conceito, como fazem Epicuro e a filosofia.

Marx critica também a possibilidade da imortalidade individual. Plutarco admite que o indivíduo é preservado na imortalidade sem as diferenças concretas. Para Marx, se todas as diferenças concretas desaparecerão, resta apenas aquilo que é *universal e eterno*, ou seja, como diz Epicuro, a alma individual dissolve-se e toma a forma dos átomos que a compõem. O que Plutarco propõe de fato é mudar o significado da morte de *fim definitivo da existência* para *transformação qualitativa que preservaria o “eu” singular*, e assim camufla o salto qualitativo pela interposição de um “*longínquo fantástico*”. Para Marx, o desejo da imortalidade não é amor à existência, mas de medo e pede a Plutarco citando o próprio “*Não percas o medo da morte; dá pelo contrário a prova que o justifica*”⁶⁷. A imortalidade seria a continuação da vida atomista de cada um; esta mesma vida, tão lamentada, deseja eternizar-se, demonstrando, contraditoriamente, que o importante não é o universal – o espírito de Deus – como é declarado, mas o indivíduo singular.

Marx mostra que Plutarco argumentou a partir de pontos de vista contraditórios do

⁶⁵ MARX. *Diferença...* p. 220

⁶⁶ MARX. *Cadernos...* p. 60

⁶⁷ MARX. *Cadernos...* p. 60

sensu comum e que ele não conseguiu entender aquilo que criticava e, por partir destas premissas absurdas, acabou por confirmar aquilo que desejava contestar.

O exemplo de Marx visa mostrar que o *teologismo racional* raciocina assim: partindo do absurdo, tenta justificar racionalmente o irracional e que, se tal crítica for racionalmente examinada, muitas vezes, confirmará o que deseja contestar. A conclusão da crítica marxiana ao irracionalismo religioso, no contexto da antinomia entre racional e irracional, trabalhado pelos jovens hegelianos, é o que veremos a seguir.

2.4 O irracionalismo religioso

“... para quem o mundo aparece sem razão, conseqüentemente para quem é, ele mesmo, irracional, para este Deus existe? Ou, irracional é a existência de Deus”. [Marx. *Diferença...*, p. 220]

Os *jovens hegelianos* viam uma contradição na filosofia de Hegel entre a defesa da liberdade e da razão, cuja realização suprema é, para Hegel, o Estado, e a defesa feita por Hegel do estado prussiano existente, uma monarquia teológica (no caso, cristã). Ora, raciocinavam, se o estado é a razão encarnada e o a religião é o irracionalismo, a aceitação do absurdo, o salto no escuro segurando na mão de Deus, Hegel se contradiz ao defender um estado cristão. Daí o ataque destes jovens filósofos à religião do seu tempo procurando explicitar a sua irracionalidade e a sua incompatibilidade com o saber racional, ou seja, filosófico e científico.

Marx fez parte destes críticos e o seu conceito de religião, inicialmente *hegeliano* como explicita na *Diferença...*, tornou-se *feuerbachiano* na *Contribuição à Crítica da Filosofia do Direito de Hegel – Introdução* e assumiu a sua feição final nos “*Manuscritos..*”. e nas *Teses sobre Feuerbach*.

Na *Diferença...* Marx ainda define a religião e a filosofia do modo de Hegel ao comparar o conceito de Deus em Plutarco e Epicuro. Em ambos a determinação é a mesma, mas o que em Plutarco é imagem, representação, em Epicuro é conceito. Um aborda deus como filósofo e o outro como religioso: *...nele [Plutarco] só se encontra como imagem, como representação, aquilo que Epicuro chama pelo nome conceitual.*⁶⁸ Enquanto isto a filosofia é conceituada como racionalidade autônoma – a autoconsciência humana - e como contraposição do saber real à alienação:

“A filosofia não se esconde. A confissão de Prometeu:
<Em palavras simples, eu odeio todos os deuses>
é a sua própria confissão, a sua divisa contra todos os deuses celestes e terrestres que não reconheçam a autoconsciência humana como a divindade mais alta. E mais nenhuma outra.” [Marx, *Diferença...*, p. 124]

⁶⁸ MARX. *Diferença...* p. 55

O conceito de religião é ligado à irracionalidade do indivíduo, mesmo quando a religião estava separada do Estado, como já ocorria, na época, na América do Norte: “*Na América do Norte, a ilimitada fragmentação da religião, por exemplo, já externamente lhe confere a forma de assunto estritamente privado.*”⁶⁹”

Nota-se aqui que há uma evolução em relação à situação na Alemanha na qual o Estado era teológico. Há, portanto, uma emancipação política em algumas nações, mas, enquanto os jovens hegelianos se contentam com tal emancipação, Marx exige uma emancipação humana. Diz ele que a alienação religiosa desvinculada do Estado: “*Tornou-se o espírito da sociedade civil, do egoísmo...é apenas a confissão abstrata da loucura individual, da fantasia privada, do capricho.*”⁷⁰”

O conceito de religião e de filosofia do ponto de vista da crítica irreligiosa surge já mais completo na *Contribuição à crítica da Filosofia do Direito de Hegel – Introdução* [p. 45] no resumo admirável:

Este é o alicerce da crítica irreligiosa: o homem faz a religião; a religião não faz o homem...E a religião é a autoconsciência e o sentimento de si do homem que ainda não se encontrou ou que voltou a perder-se. O homem é o mundo do homem, o Estado e a coletividade. Este Estado e esta coletividade produzem a religião, uma consciência invertida do mundo, porque eles são um mundo invertido. A religião é a doutrina geral deste mundo, o seu resumo enciclopédico, a sua lógica em forma popular, o seu ponto de honra espiritualista, o seu entusiasmo, a sua confirmação moral, a sua base geral de consolo e defesa. É a realização fantástica da essência humana, porque a essência humana não possui verdadeira realidade. Conseqüentemente, a luta contra a religião é indiretamente a luta contra aquele mundo cujo perfume espiritual é a religião.

A religião é o suspiro do ser oprimido, o coração de um mundo sem coração e a alma de situações sem alma. É o ópio do povo. A miséria religiosa constitui ao mesmo tempo a expressão da miséria real e o protesto contra a miséria real. O banimento da

⁶⁹ MARX. *A questão judaica*. Trad. Alex Marins. S. Paulo, Ed Martin Claret, 2001., p. 24.

*religião como felicidade ilusória dos homens é a exigência da sua felicidade real. O apelo para que abandonem as ilusões a respeito da sua condição é o apelo para abandonarem uma condição que precisa de ilusões. A crítica da religião é, pois, a crítica do vale de lágrimas de que a religião é o esplendor*⁷¹.

E surge a tarefa histórica da filosofia neste contexto como sendo de desmascarar a auto-alienação humana em suas formas não sagradas, já que ela foi desmascarada em sua forma sagrada, a partir da crítica dos Bauer e de Feuerbach, além do próprio Marx:

*“A crítica da religião liberta o homem da fantasia, para que possa pensar, atue e configure a sua realidade como homem que perdeu as ilusões e reconquistou a razão, para que gire em torno de si mesmo e, assim, em volta do seu verdadeiro sol”.*⁷²

Alguns analistas observam, com freqüência, que a crítica marxiana à religião do seu tempo é válida para aquele tempo e lugar, mas que a religião mudou e a crítica de Marx estaria superada. Ou então, quando se alegam motivos religiosos para atrocidades ou guerras, surge em geral uma explicação “econômica” para o fato, usando o primado ontológico do ser social frente à consciência social formulado por Marx, para ocultar a responsabilidade social da religião. Esquece-se da relação entre teoria e prática estabelecida pelo próprio Marx: *“Mas a própria teoria torna-se, da mesma forma uma força material quando se apodera das massas”*⁷³.

E, mais adiante descrevendo a forma como isto ocorre:

“A teoria é capaz de se apossar das massas ao evidenciar-se ad hominem⁷⁴, e demonstra-se ad hominem logo que se torna radicalizada. Ser radical é segurar tudo pela raiz. Mas, para o homem, a raiz é o próprio homem”.

Finalmente, cita o exemplo prático do caso da teoria na Alemanha:

“O que demonstra, sem dúvida, o radicalismo da teoria alemã, e conseqüentemente o seu vigor prático, é o fato de começar pela determinada eliminação positiva da

⁷⁰ MARX, *idem*, p.24.

⁷¹ MARX. *Contribuição à crítica da Filosofia do Direito de Hegel - Introdução*, p.44 e 45.

⁷² MARX. *Idem* p. 46

⁷³ MARX. *Idem* p. 53

⁷⁴ Contra o homem

religião. A crítica da religião termina com o princípio de que o homem é, para o homem, o ser supremo”⁷⁵.

E finalizando precisa: *“a emancipação dos alemães só é possível na prática se se adotar o ponto de vista da teoria, segundo a qual o homem é para o homem o ser supremo.”⁷⁶*

Os exemplos da força, tanto filosófica como material, do irracionalismo místico ou religioso, tanto sob a forma fundamentalista, como sob a forma tradicional, comprovam as possibilidades desta teoria.

⁷⁵ MARX. *Contribuição à crítica da Filosofia do Direito de Hegel - Introdução*, p 53.

⁷⁶ MARX. *idem*, p 59.

Conclusão

...o humanismo se distingue tanto do idealismo como do materialismo, constituindo ao mesmo tempo a sua verdade unificadora. [MARX, Manuscritos... p 182].

Marx buscou, na Tese, fundamentar o seu materialismo na tradição filosófica, mas para contrapor-se ao determinismo de Demócrito, escolheu a filosofia de Epicuro cuja categoria principal é *o acaso* e cujo critério de verdade é *a sensação*. Assim fez sua a defesa epicurista da liberdade desde a Física até a Ética. Epicuro teve seu ponto alto nos *meteoros*, quando recusou a divisão da Física, contra toda a especulação grega, em nome da *ataraxia* – e, séculos depois, comprovou-se que estava correto. Preconizando uma física única, a sua filosofia não necessitou de uma metafísica para manter a coerência como ocorreu com os estóicos. Estes fizeram o mesmo caminho de Epicuro recusando o *destino*, Marx, na “Tese...”, pg. 214 observa:

“Se, a consciência de si abstratamente-singular é considerada como princípio absoluto, ... toda a ciência é suprimida, ... é a singularidade que reina na própria natureza das coisas. Mas isto equivale igualmente ao desmoronamento de tudo o que transcende a consciência humana e pertence ao entendimento imaginativo.

Seguindo outro caminho, os estóicos substituíram o destino por um deus, que futuramente, influenciaria o cristianismo, como precisa Marx em seguida:

“Se, ao contrário, se erigir em princípio absoluto a consciência de si que apenas se conhece sob a forma de universalidade abstrata, abre-se a porta ao misticismo supersticioso e servil. Encontramos uma prova histórica do que acabamos de afirmar na filosofia estóica.”⁷⁷

O iluminista grego preocupou-se com a “ausência de perturbação na alma”, vinculando assim filosofia e vida: “Assim como realmente a medicina em nada beneficia se não liberta dos males do corpo, assim também sucede com a filosofia se não liberta das paixões da alma”⁷⁸.

E este foi outro conceito que vinculou Marx a Epicuro.

⁷⁷ MARX. *Diferença...* p 214

⁷⁸ EPICURO em LAÉRCIO, *Vidas e doutrinas dos filósofos ilustres*, livro X

Em nome da *ataraxia* Epicuro também recusou, coerentemente, a religião – por induzir o medo dos deuses e estimular o medo da morte como forma de controle social. E Marx aproveitou a crítica de Plutarco a Epicuro para vergastar o “*teologismo racional*” que infelicitava a filosofia. Viu nela uma crítica que parte do senso comum e que, por sua incoerência, acaba por confirmar Epicuro sem perceber.

Marx procurou justificar a filosofia, do ponto de vista do materialismo, sem cair no determinismo, e justificar a liberdade, sem retornar, como os velhos hegelianos e muitos outros, ao irracionalismo religioso. Foram dois os combates que travou. Uma síntese do primeiro está na “*Diferença...*”, no capítulo quinto sobre *Os meteoros*, mas aprofunda-se nos “*Manuscritos...*” e se conclui nas Teses sobre Feuerbach e o segundo se explicita nos “*Cadernos para a filosofia epicurista, estóica e cética*”, no Terceiro Caderno, cujo tema é a polêmica teológica entre Plutarco e Epicuro, prossegue no texto sobre *A Questão Judaica*, inclui o livro “*A Essência do Cristianismo*”, escrito por Feuerbach, mas adotado por Marx, e se conclui na famosa “*Contribuição à crítica da Filosofia do Direito de Hegel – Introdução*”.

A confusão entre filosofia e religião ora é fruto da ignorância do senso comum, ora é resultado da má fé de aproveitadores da ignorância alheia, da má consciência e de interesses das classes dominantes. Quando filosofia e religião se confundem isto apenas serve à ignorância e ao obscurantismo. O contrário serve à educação, ao saber verdadeiro e ao saber filosófico em particular. Este foi também o nosso propósito: ao analisar a crítica marxiana à religião, contribuir para lançar um pouco de luz sobre esta questão delicada, tratada com luvas de pelica por muitos filósofos.

Os primeiros textos de Marx fazem formulações fundamentais, põem distinções fundamentais, demonstram a genialidade de Marx, mas ficaram desconhecidos dos seus seguidores e contribuíram para os erros do *marxismo positivista*, que desembocou num *capitalismo estatal* que não poderia, como disse Marx, “*iludir a dialética com um salto audacioso, evitar as etapas naturais da evolução ou varrê-las do mundo através de decretos*”⁷⁹ e construir o socialismo sem as bases materiais para tal. Na medida em que o socialismo e o comunismo são sistemas de alto custo material, porque pretendem generalizar para todos a satisfação de suas necessidades básicas de forma a assegurar a todos a liberdade em relação a tais necessidades, obtendo assim o poder escolher

⁷⁹ MARX apud BERLIN em *Karl Marx*. Trad. Hélio Pólvora. S. Paulo: Siciliano, 1991.

livremente o seu ser social. A liberdade enquanto “ausência de pressupostos”, como buscava Epicuro, é assim o poder de determinar livremente a sua atividade social. Marx observou que, assim como no feudalismo os aristocratas eram livres, assim como no capitalismo os burgueses são livres, então, numa sociedade mais desenvolvida, todos teriam acesso à liberdade de expressar a sua personalidade e serem pessoas, indivíduos inteiros, como está no *Manifesto Comunista*:

No lugar da velha sociedade burguesa, com suas classes e antagonismos de classes, surge uma associação em que o livre desenvolvimento de cada um é a condição do livre desenvolvimento de todos. [Parte II (parágrafo final)]⁸⁰.

O que se viu, na sociedade construída pelos seguidores de Marx, foi a supressão da liberdade para todos e o surgimento de uma classe de dirigentes que *de fato* eram os patrões. No socialismo realmente existente, sob o pretexto de negar a *liberdade burguesa*, em vez de instituir a liberdade humana, e substituir *a emancipação política pela emancipação humana*, suprimiu-se a liberdade para todos, exceto para os dirigentes, que foram livres como nunca. Isto é resultado, do ponto de vista político-econômico, da incapacidade material de passar do feudalismo para o socialismo e, do ponto de vista filosófico, da incompreensão dos textos fundamentais do pensamento de Marx. Os verdadeiros seguidores do pensamento de Marx são aqueles capazes de fazer com o pensamento dele o que ele fez com a filosofia de Hegel: extrair deste pensamento, através do seu método e considerando as suas categorias, as conseqüências que dele ainda não foram deduzidas com relação à formação social atual.

O pensamento de Marx contém a possibilidade da sua superação, porque as condições que engendraram este pensamento ainda não foram superadas – como escreveu Sartre: “[o marxismo] permanece, pois, a filosofia do nosso tempo: é insuperável porque as circunstâncias que o engendraram ainda não foram superadas.”⁸¹ Assim, enquanto tais circunstâncias originárias não forem superadas, a religião continuará a ser “o ópio do povo” e permanecerá necessária a tarefa da filosofia de fazer a crítica, tanto ao materialismo contemplativo, como à *mentalidade teologizante*, e, simultaneamente, constituir a *verdade unificadora* destas críticas.

⁸⁰ MARX & ENGELS. *Manifesto do Partido Comunista*. Trad. Vasco Magalhães Vilhena. São Paulo: Novos Rumos, 1986, p. 105.

⁸¹ SARTRE. *SARTRE (Questão de Método)*. Trad. Bento Prado Jr. São Paulo: Abril Cultural, 1978, p. 124.

Referências Bibliográficas

OBRAS DE MARX

- MARX, K. *Cadernos para a Filosofia epicurista, estóica e cética*. Tradução de Conceição Jardim e Eduardo Lúcio Nogueira. Lisboa, Editorial Presença. 1972.
- MARX, K. *Diferença da Filosofia da Natureza de Demócrito e de Epicuro*. Tradução de Conceição Jardim e Eduardo Lúcio Nogueira. Lisboa, Editorial Presença. 1972.
- MARX, K. *A questão judaica*. Trad. Alex Marins. S. Paulo, Ed Martin Claret, 2001.
- MARX, K. *Contribuição à crítica da Filosofia do Direito de Hegel - Introdução*. Trad. Alex Marins, S. Paulo, Ed. Martin Claret, 2001.
- MARX, K. *Manuscritos econômico-filosóficos*. Trad. Alex Marins. S. Paulo, Ed Martin Claret, 2001.
- MARX, K. *Teses sobre Feuerbach em MARX-vida & obra*, de GIANNOTTI. Trad. Luciano Codato. S. Paulo: L&PM, 2000.
- MARX & ENGELS. *A Sagrada Família*. Trad. Sérgio José Schirato. São Paulo: Centauro, 4ª ed., 2001.
- MARX & ENGELS. *A ideologia alemã*. Trad. Álvaro Pina. Lisboa: Avante, 1981.
- MARX & ENGELS. *Manifesto do Partido Comunista*. Trad. Vasco Magalhães Vilhena. São Paulo: Novos Rumos, 1986.
- MARX, K. *O capital*. Trad. Regis Barbosa e Flávio R. Kolhe. São Paulo: Abril Cultural, 2ª ed, 1985.

OUTRAS OBRAS

- BERLIN, I. *Karl Marx*. Trad. Hélio Pólvora. S. Paulo: Siciliano, 1991.
- BOTTOMORE. *Dicionário do Pensamento Marxista*. Trad. Waltensir Dutra. Rio de Janeiro: Zahar, 1988
- ECKHART. *Livro da divina consolação*. Trad. F. Vering et al. Rio Janeiro: Vozes, 2002.
- ENGELS, F. *Bruno Bauer and early christianity*. Maio, 1882 em *Sozialdemokrat*.
- GIANNOTTI, J. *Karl Marx - vida e obra*. Porto Alegre, L&PM. 2000.
- HEGEL, G. *Introdução à História da Filosofia*. Trad. Euclidy Carneiro da Silva. S. Paulo: Hemus, 1980, 2ª ed.
- JAPIASSU, H. & MARCONDES, D. *Dicionário Básico de Filosofia*. S. Paulo: Zahar, 1996.
- LAÉRCIO, D. *Vidas e Doutrinas dos Filósofos Ilustres*. Trad. Mário da Gama Cury. Brasília. Ed. UnB, 1987.
- MARCUSE, H. *Razão e Revolução*. Trad. Marília Barroso. Rio Jan.: Paz e Terra, 1978.
- SARTRE. *Questão de Método*. Trad. Bento Prado Júnior. Coleção Os Pensadores. São Paulo: Abril Cultural, 1978.